

# O PROCESSO DE IMIGRAÇÃO NO CONTO *SANG YI* DE NELSON DE OLIVEIRA

Francisco Pereira Smith Júnior (UFPA)<sup>1</sup>  
Paulo Santiago de Sousa (UFPA)<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente artigo analisa o conto *Sang Yi*, de Nelson de Oliveira, atentando para a observância de como ocorre o fenômeno da imigração, através das situações vividas pelo personagem principal, o menino Sang Yi. A temática da imigração é o cerne da discussão neste trabalho, tendo em vista que é um dos fenômenos globais mais relevantes seja na perspectiva histórica quanto na contemporaneidade, as migrações têm despertado estudos tanto a partir de interesses locais nacionais, quanto internacionais. Dessa forma, selecionamos teóricos basilares que discutem os processos da imigração, tais como: Hanciau (2005), Ianni (2004), Hall (2006), Sayad (1998), Klein (2000) e Haesbaert (2004; 2005).

**Palavras-chave:** Conto. Sang Yi. Fenômeno da imigração. Emigrações.

## Introdução

Que é ser migrante? Esta pergunta expressa a preocupação em pensar o fenômeno migração na forma como este é vivido pelo sujeito. É bastante difícil encontrar quem não seja migrante ou descendente de migrantes, porque esse tem sido um fenômeno muito frequente ao longo da história da humanidade, e que vem se generalizando cada vez mais nos nossos dias.

Para tanto, é necessário entender o significado de migração, imigração e emigração. Sabemos que a todo momento pessoas migram de um lugar para o outro, por isso, migração é o ato de entrada ou saída de indivíduos em países diferentes ou dentro de um mesmo país (de um estado para o outro, de uma cidade para a outra, etc). É,

---

<sup>1</sup> Doutor em Planejamento do Desenvolvimento pela Universidade Federal do Pará (PDTU/NAEA/UFPA -2012). Mestre em Letras: Linguística e Teoria Literária pela Universidade Federal do Pará (2004). Professor Adjunto II da Universidade Federal do Pará. Atualmente é também professor colaborador no Programa de Pós-graduação em Letras, Linguagens e Saberes na Amazônia (PPGLSA). Orientador do artigo. E- mail: fransmithj@gmail.com.

<sup>2</sup> Licenciado em Letras (UFPA). Mestrando do Programa de Pós Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia (UFPA). E-mail: paulo-santiago01@hotmail.com.

portanto, o movimento populacional, independente de estar saindo da cidade, país, estado ou região, ou entrando.

Essa pergunta expressa também uma preocupação ontológica original: o migrante é um ser deslocado, movido de seu lugar primeiro. Quando a migração é internacional, muitas das situações de discriminação e violações são alimentadas por políticas migratórias restritivas, sejam elas leis que limitam os direitos das pessoas migrantes ou barreiras físicas para dificultar a entrada nas fronteiras.

A imigração, por sua vez, é o movimento de entrada, com ânimo permanente ou temporário e com a intenção de trabalho e/ou residência, de pessoas ou populações, de um país para outro. Em nosso período, esse movimento é tão comum que os teóricos convencionaram em chamar as últimas décadas de “a era das migrações” (RODRIGUES. 2016).

Nas palavras Bourdieu (In Sayad, 1998, p. 11) “a imigração é um ‘fato social completo’”, que se caracteriza por ser:

(...) todo o itinerário do imigrante é, pode-se dizer, um itinerário epistemológico, um itinerário que se dá, de certa forma, no cruzamento das ciências sociais, como um ponto de encontro de inúmeras disciplinas, história, geografia, demografia, economia, direito, sociologia, psicologia e psicologia social e até mesmo das ciências cognitivas, antropologia em suas diversas formas (social, cultural, política, econômica, jurídica etc), linguística e sociolinguística, ciência política etc.

O fenômeno é complexo porque implica em inúmeras circunstâncias, sobretudo para o próprio imigrante. Este enfrentará dificuldades de se estabelecer em um país de costumes diferentes dos seus e de língua desconhecida enfrentando, muitas vezes, a xenofobia, as restrições impostas aos estrangeiros pelas legislações, o trabalho escravo ou quando muito o subemprego.

A emigração é, por sua vez, a saída espontânea de um país; movimentação de uma para outra região dentro de um mesmo país; sair de um país ou lugar onde se vive para viver em outro, provisória ou definitivamente.

Estudar a imigração é problematizar a situação do imigrante. Seus objetivos, suas particularidades, seus dramas, dilemas e empreendimentos. Este artigo vislumbra a apresentar um breve panorama sócio-histórico sobre a imigração nas terras brasileiras de povos oriundos dos continentes europeus e asiáticos, principalmente os italianos,

alemães, portugueses e japoneses. Para posteriormente contextualizar os estudos migratórios com o texto literário.

O Texto literário a ser analisado é o conto *Sang Yi* de Nelson de Oliveira. O conto é um dos textos do livro *Pátria estranha : histórias de peregrinação e sonhos* organizado por Charles Kiefer. Em *Sang Yi* vamos percorrer o itinerário de um menino marcado pelo mistério e a revelação; um texto que no seu transcorrer revela inúmeras circunstâncias vividas por Sang Yi, personagem principal, e deixa emergir, nas atitudes dos personagens, dramas que grande parte dos imigrantes vive ao sair de sua terra natal.

### **Um olhar sócio-histórico acerca da imigração no Brasil**

A imigração foi um fator relevante para o crescimento da população brasileira até a década de 1930. O Brasil ocupou o 4º lugar em número de imigrantes recebidos (4,3 milhões) entre os anos de 1800 e 1955, contra 40 milhões dos EUA, 7 milhões da Argentina e 5,3 milhões do Canadá (ADAS, 2004, p. 282).

Em 25 de novembro de 1808, o príncipe regente D. João assinou um decreto, em que permitia o estrangeiro ser dono de terras no Brasil que tinha como objetivo, a atração de imigrantes que quisessem povoar a região Sul do país. Mesmo assim, o fluxo foi considerado pequeno, pois o maior medo do imigrante era de se tornar escravo em um país que pautava seu crescimento econômico no modelo escravagista.

Alguns acontecimentos explicam esse pequeno fluxo imigratório como: a facilidade de obtenção de mão de obra escrava, instabilidade política do período regencial, conflitos regionais como: Cabanagem/PA (1838-1841), Balaiada/MA (1835-1840), Sabinada/BA (1837-1838) e Revolução Farroupilha/RS (1835 a 1845), nas quais o grande medo que o imigrante tinha era o de ser metido em uma guerra que não era dele.

Para Santana (2010, p. 236), o marco inicial da imigração para o Brasil se situa em 1824 quando começaram a chegar os alemães ao Rio Grande do Sul, estabelecendo-se com sua economia agrícola na área da Campanha Gaúcha. Mais tarde ocuparam o Planalto na região noroeste daquele estado sulino. Fundaram vários núcleos, muitos dos quais vieram a serem cidades de hoje, como Novo Hamburgo e São Leopoldo. A partir de 1850, os alemães se encaminharam para Santa Catarina, no Vale do Itajaí, fundando posteriormente as cidades de Blumenau, Joinville, Brusque e Itajaí.

Além de alemães vieram também suíços, em 1818, para o Rio de Janeiro, onde fundaram a cidade de Nova Friburgo, prussianos (vindos da Prússia, antigo Estado alemão, dividido atualmente entre a Alemanha, a Polônia e a Federação Russa), em 1828, vieram para Pernambuco e em 1829, alemães se fixaram em Santo Amaro, São Paulo e no mesmo ano fundaram a colônia de São Pedro de Alcântara, em Santa Catarina.

A partir de 1830, o Brasil passou a ser o maior produtor de café do mundo o que propiciava uma maior necessidade de mão de obra. Outros fatores favoráveis foram: a Lei Eusébio de Queirós (1850), que proibiu o tráfico de escravos; a disponibilidade de o fazendeiro cobrir despesas do imigrante no seu primeiro ano de trabalho; o custeio pelo governo da viagem do migrante até 1889; a abolição da escravidão em 1888; e a unificação do reino das duas Sicílias na Itália, que devido à concorrência do norte industrial com o sul agrícola fez da emigração a alternativa dos italianos em 1868 (EMMI, 2008).

Hutter (1987, p. 61) registra que os italianos constituíram o maior grupo de imigrantes que chegou ao Brasil de uma única vez. No entanto, a condição subumana em que eles viviam nas fazendas de café (escravidão branca por dívida) fez com que o número de imigrantes italianos que chegavam ao Brasil diminuísse rapidamente no início do século XX.

Em 1875, muitos escravos (bielo-russos, russos, ucranianos e poloneses) trouxeram sua contribuição ao povoamento do país, fixando-se principalmente no Paraná. Diante disso, não se pode esquecer que nos séculos XIX e XX, dentro da questão da imigração, também havia outras motivações claramente racistas: “branquear o Brasil”, para “civilizá-lo”.

O ano de 1908 assinala o início da imigração japonesa, quando os primeiros colonos desembarcaram em São Paulo. “Em 1906, Ryu Mizuno, da Cia Imperial de Imigração, vem ao Brasil para inspecionar regiões agrícolas e no ano seguinte, assina um acordo com o governo de São Paulo para introdução de imigrantes no estado” (DAIGO, 2008, p. 7). Até que em 1908, finalmente, atraca no Porto de Santos o Kasato-Maru, trazendo 781 japoneses para trabalhar no Brasil, depois de cerca de 50 dias de viagem, nas lavouras de café.

Os fatores que repeliam a imigração eram: a existência do regime de escravidão até 1888; a servidão temporária a que o imigrante era submetido pelo fazendeiro que o obrigava, até 1870, a pagar o custo de sua viagem e estadia na fazenda com o trabalho no cafezal (assinava um contrato, no qual não podia abandonar a fazenda enquanto não quitasse a dívida); a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e a quebra da bolsa de Nova Iorque em 1929.

A queda no fluxo de imigrantes, no século XX, se deu a partir da Lei de Cotas para a Imigração contida na Constituição de 1934, quando Getúlio Vargas reduziu a entrada de imigrantes a 2% dos que já tinham entrado nos últimos 50 anos de acordo com cada nacionalidade (ADAS, 2004, p. 282).

O sistema restritivo estabelecia que de cada nacionalidade só podia imigrar anualmente até 2% do total que havia entrado no país nos últimos 50 anos, salvo os portugueses (estes tiveram restrições de entrada só a partir de 1939). O período de Vargas no poder foi marcado por um forte nacionalismo e um discurso populista atrelado, ou seja, nesse aspecto imigratório, Vargas queria conter a mão de obra externa e fazer o país crescer, tornando-o mais urbano e industrial e com isso empregar o nativo, brasileiro, no mercado de trabalho ascendente.

Vale ressaltar que a década de 1950 foi o maior fluxo imigratório para o Brasil, durante o desenvolvimentismo da industrialização no recorte presidencial do governo de Juscelino Kubitschek (1956-1960), com saldo positivo de entrada em 3,4% de imigrantes.

Segundo Fausto (1991), a década de 70 marcou o início da maciça imigração italiana para as províncias do Sul e do Sudeste. Em São Paulo, os italianos contribuíram de forma decisiva para a manutenção das lavouras de café e, posteriormente, no processo de urbanização e industrialização da capital. Até o início de 1890, cerca de meio milhão de imigrantes chegaram no Brasil. Com a abolição da escravatura, em 1888, aproximadamente um milhão de imigrantes chegou ao país apenas na última década do século. Em 1908 começaram a chegar os imigrantes japoneses, que se concentraram, sobretudo no estado de São Paulo. A imigração estrangeira, porém, só foi legalizada no período republicano, em 1921. Com a revolução de 30, foram adotadas medidas de proteção aos trabalhadores nacionais e a imigração se reduziu bastante a partir de então. Em 1980, foi criado o Conselho Nacional de Imigração e a situação jurídica dos estrangeiros no Brasil foi definida.

De 1930 até os dias atuais tem ocorrido uma diminuição no número de imigrantes, com a fixação da “lei de cotas”, em 1934, por parte do governo Vargas.

O processo imigratório foi de extrema importância para a formação da cultura brasileira. Esta, foi, ao longo dos anos, incorporando características dos quatro cantos do mundo. Basta pararmos para pensar nas influências trazidas pelos imigrantes, que teremos um leque enorme de resultados: o idioma português, a culinária italiana, as

técnicas agrícolas alemãs, as batidas musicais africanas e muito mais. Graças a todos eles, temos um país de múltiplas cores e sabores, com uma cultura diversificada e de grande valor histórico.<sup>3</sup>

De acordo com dados do Ministério da Justiça, só de 2010 até abril de 2012, o número de estrangeiros em situação regular no Brasil aumentou em 60%! Passou de 960 mil para 1,54 milhão de pessoas nessas condições. A região Sudeste é, de longe, a que mais recebe imigrantes.

A maior parte dos que chegam são trabalhadores dos países vizinhos. De 2009 a abril de 2012, o número de imigrantes peruanos em situação regular aumentou em 378%, o de bolivianos em 160% e o de paraguaios em 148%. Enquanto isso, a imigração de europeus apresentou um crescimento bem mais discreto.

Mas esses números não dão conta de toda a realidade dos estrangeiros no país. Estima-se que haja no Brasil entre 60 mil e 300 mil pessoas de outros países em situação irregular, principalmente latino-americanos, chineses e africanos.

Registramos em Zamberlam (2004) que de um lado, a maioria dos imigrantes latino-americanos no Brasil representa uma mão de obra que teve pouco acesso à escola e à qualificação profissional, que vem para trabalhar nas confecções, no comércio, na construção e nos trabalhos domésticos. Do outro, estão os europeus que costumam ter mais qualificação, nível universitário elevado, e vêm trabalhar em empregos com melhores salários.

Atualmente, observamos um novo grupo imigrando para o Brasil: os asiáticos. Estes não são diferentes dos anteriores, pois da mesma forma, vieram acreditando que poderão encontrar oportunidades aqui que não encontram em seu país de origem. Eles se destacam no comércio vendendo produtos dos mais variados tipos que vai desde alimentos, calçados, vestuário (roupas e acessórios) até artigos eletrônicos.

### **A imigração no conto *Sang Yi*, de Nelson de Oliveira**

O conto *Sang Yi*, de Nelson de Oliveira, retrata a viagem de circum-navegação internacional de uma criança marcada por um destino que pode causar um grande alarido coletivo. Ela não cresce, continua sempre com a mesma idade biológica,

---

<sup>3</sup> JUNIOR, Judicael C. *A participação da imigração na formação da população brasileira*. In: Rev. Bras. Estudos Pop., Brasília. 1997, p. 51-71.

embora tenha uma idade psicológica adulta. O menino chega ao Brasil depois de inúmeras escalas, geralmente de três anos, por cidades de vários continentes.

No Brasil, a família que recebe o menino sabe que ele não poderá ficar por muito tempo, e trata de aproveitar ao máximo sua presença mágica. Por isso, a tensão é de ordem cronológica; logo ele partirá, mas o dono da casa descobre que em algumas cidades o menino ficou quatro anos e esta possibilidade de dilatar a estadia se torna algo pacificador, embora ele saiba que a criança tem a vocação oceânica e deve continuar vagando pelo mundo, escondendo sua infância imperecível, mas também iluminando as pessoas com quem convive. “Imensos são os oceanos, e tudo não passa de um eterno oceano. Imensos são os oceanos e as almas oceânicas e imensas” (OLIVEIRA, p.64).

Diante dessa imensidão, há apenas este sentimento de reverência, os donos da casa não vão querer interromper tal caminho, pois sabem que o menino está destinado a experimentar os limites do tempo e do espaço.

No conto Sang Yi, percebe-se que decidir por imigrar não é tão simples quanto se parece algumas vezes. Sang Yi, personagem principal do conto, experimenta periodicamente o processo migratório, motivado por questões de ordem cronológica, para “esconder” seu passado, sua idade, suas características físicas e psicológicas.

Ao observar o comportamento de Sang Yi é importante lembrar das palavras de Ianni (2004, p.105) em que o estudioso assevera que “No limiar do século XXI, são muitos os que se empenham em saber onde está o indivíduo, a pessoa, o eu, a identidade, o cidadão. Hall (2006) ao abordar as características do sujeito pós-moderno salienta que não há no sujeito pós-moderno uma identidade fixa, permanente. Trata-se de uma identidade móvel, definida historicamente e não biologicamente, não é unificada como no iluminismo, tão pouco coerente, pois “Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identidades estão sendo continuamente deslocadas” (HALL, 2006, p. 13).

Em Sang Yi, Nelson de Oliveira, impele-nos a pensar que os migrantes de todos os tempos evocam diversas imagens, identidades. A partida, a viagem, o trajeto e a chegada a uma nova terra constrói um fio e uma trajetória que nos inquieta. Nesse entendimento, um indivíduo caracteriza-se por possuir diversas identidades em si, utilizando-as de acordo com os sistemas culturais que o rodeia. Assim, percebemos a transformação ocorrida na identidade do sujeito moderno, que passa de sujeito unificado

a contraditório, descentralizado e híbrido, uma vez que “A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 2006, p. 13).

No enredo do conto vê-se que o menino Sang Yi é um imigrante por excelência, um ser estranho, antissociável, que tem dificuldade de convivência, pouco dialoga, busca constantemente se afastar das pessoas, usando isso como possível mecanismo de defesa ou mesmo estratégia de sobrevivência, característica comum em muitos imigrantes, que ao chegar a um país estrangeiro, tem dificuldades de sociabilidade, de vivência comunitária e optam a princípio, pelo isolamento, fechando-se em si mesmo, para esconder sua origem, seus costumes, sua cultura,

No caso de Sang Yi, há a tentativa constante de esconder sua idade; o menino não para de viajar e é esse o segredo que lhe faz ser sempre criança; o movimento perene é a chave para o não envelhecimento. Como Sang Yi tem o périplo transoceânico, a experiência de viver em vários pontos geográficos, o movimento de partida é sempre doloroso, um dilema que o acompanha a cada três anos, conforme podemos perceber nas palavras do narrador: “Olhos e ossos voltados para trás, na distância de Ansan, de Anyang e de Seul. Braços e pernas endereçados para frente. Santos. São Paulo.” (OLIVEIRA, 2002, p. 52). É uma parte que vai e outra que fica! Perdas e ganhos! Sina de Sang Yi.

Ianni (2004), ao discorrer sobre *O cidadão do mundo* nos leva a pensar que todo migrante se define pela viagem, e guarda em si algo do viajante, de quem está em trânsito. Sang Yi é um exemplo verosímil do processo migratório, mesmo sendo personagem de um texto literário acaba por convidar o leitor a entender que a migração ocorre desde o início da história da humanidade, desencadeados por diversos fatores.

Os fluxos migratórios são movimentos pela humanidade desde os tempos mais remotos, acentuados a cada dia pelo desenvolvimento dos meios de transportes que tornaram as distâncias entre os diversos pontos da terra mais brandas, ou seja, elas não seriam um empecilho para o deslocamento. Com isso a sociedade global pós-moderna vive um nomadismo, um modo de vida comparado à ordem mercantil (IANNI, 1996, p. 10).

No conto, o meio de transporte é o hidroviário marítimo, símbolo das grandes navegações, e tão para o impulso do desenvolvimento da economia local, nacional e internacional. O oceano já não é mais um fator moderador da imigração, como

percebemos no conto. As pessoas têm facilidade de locomoção, e o setor marítimo contribui com o processo de internacionalização, da pós-modernidade.

Os fluxos migratórios têm rompido as fronteiras territoriais e políticas, surgido uma nova temporalidade, a do mundo globalizado.

Nele as fronteiras se apagam, dissolvem os localismos e/ou acirram as questões identitárias. Figurando um ir-e-vir não apenas de lugar, mas também de situação ou época, a dimensão de fronteira postulada por Pesavento<sup>4</sup> possibilita – pelo contato e permeabilidade – o surgimento de algo novo, híbrido, diferente, mestiço, um “terceiro”, que se insinua na situação de passagem (HANCIAU, 2005, p. 134).

De fato, a globalização rompe fronteiras. E as fronteiras interrompem a imigração. Há um espaço terceiro espaço, um entre-lugar, que não pode mais negar-se à invasão estrangeira nem, tampouco, pode almejar voltar a sua posição de isolamento. Assim, o termo entre-lugar se constitui um importante operador de leitura para as ciências humanas; os homens que circulam neste processo globalizante, consolidam a coisificação, fruto do capitalismo, destes indivíduos. Contudo, enquanto no processo migratório, alguns poucos mantêm contato com o outro lado da fronteira e beneficiam-se dos acordos, as classes baixas e médias sofrem sua desvalorização e perdem as ilusões sobre um país melhor.

As culturas se interligam de tal forma que se tornam impossível distingui-las e agregar valores a essa ou àquela. Mas, devemos, portanto, reconhecemo-nos como um todo. Novamente: somos uma colcha de retalhos, onde uma parte não é entendida sem o todo ou vice-versa e onde cada contribuição e releitura nos faz quem nós somos. O mundo é, dessa forma, “uma formação de entre-lugares” (HANCIAU, 2005, p. 125).

As migrações interligam culturas, povos, raças, religiões, etc. São motivadas por diversos fatores, que fazem dos deslocamentos temporários ou definitivos, individuais ou coletivos, internos ou internacionais, por vontade própria ou por uma necessidade. Não existe um padrão, cada migrante se comporta de um jeito: muitos partem com a resolução de voltar, outros rapidamente cortam relações com amigos e familiares que ficaram para trás, outros restringem essas comunicações ao envio de dinheiro, e ainda há aqueles que não resistem à saudade e desistem desse projeto.

---

<sup>4</sup> A historiadora Sandra Pesavento vê uma tendência a pensar as fronteiras a partir de uma concepção que se ancora na territorialidade e se desdobra no político.

Para Sayad (1998, p. 134), as migrações podem ocorrer por inúmeros motivos e ter diferentes características. Os deslocamentos podem ser temporários ou definitivos, individuais ou coletivos, internos ou internacionais, por vontade própria ou por uma necessidade. Não existe um padrão, cada migrante se comporta de um jeito: muitos partem com a resolução de voltar, outros rapidamente cortam relações com amigos e familiares que ficaram para trás, outros restringem essas comunicações ao envio de dinheiro, e ainda há aqueles que não resistem à saudade e desistem desse projeto.

Mas o que se percebe em Sang Yi é um processo migratório atípico dos clássicos. Aqui a motivação não é econômica ou política. Daí a importância da pergunta proposta por Klein (2000, p. 13): “Porque as pessoas migram? ”

Ao fazer essa pergunta Klein (2000) sugere que não se tem uma resposta pronta, acabada, que é causa de debates e estudos. As pessoas migrantes se deslocam em busca de algo, como novas oportunidades de emprego ou de estudo, melhores condições de vida, tratamentos de saúde, experiências novas, autonomia em relação aos pais. Ou podem estar fugindo especificamente de alguma coisa em seu local de origem: desde relações familiares difíceis até desastres naturais (terremotos, furacões, inundações, vulcões), passando por guerras, fome, perseguição religiosa, étnica, cultural. Segundo Mezzadra (2015, p. 12) um fenômeno recente é o número crescente de pessoas deslocadas pelos efeitos das mudanças climáticas, que afetam o planeta de diferentes formas. Quando a população migrante não tem escolha e precisa se mudar para garantir a sobrevivência, dizemos que é uma migração forçada.<sup>5</sup>

Em Sang Yi, a motivação migratória, conforme citamos anteriormente, é anômala, não se enquadra nos parâmetros migratórios supracitados, porque o menino migra para esconder sua idade, mantendo sempre sua aparência de criança. Essa atitude de Sang Yi em querer conservar a jovialidade pode ser estendida a sociedade pós-moderna, que se reestrutura pela lógica da renovação permanente do indivíduo, caracterizada por movimentos socioculturais globais nos quais há a tendência pela busca da juventude, do prazer e da beleza (LIPOVETSKY E CHARLES, 2004). Não obstante a indústria ligada diretamente à aparência pessoal apresentou nos últimos anos um crescimento exponencial, superior inclusive que o crescimento do país (Brasil).<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> MEZZADRA, Sandro. **Multiplicação das fronteiras e práticas de mobilidade**. REMHU - Rev. Interdiscip. Mobil. Hum., Brasília, Ano XXIII, n. 44, p. 11-30, jan./jun. 2015.

<sup>6</sup> Caldas, Dário. Observatório de Sinais. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2004.

Vale ressaltar que no conto Sang Yi, há outros personagens importantes que agregam papéis no desenvolvimento do enredo, a citar, um australiano, imigrante curioso, sofredor, aparentemente sem destino; comerciante de tabaco, que desde o início da história aparece na embarcação questionando sobre o desaparecimento do seu precioso produto comercial, o tabaco, que segundo ele foi jogado no mar por pessoas de outras nacionalidades (ingleses, chineses, japoneses, tibetanos, vietnamitas e coreanos). Essa atitude deixa o australiano extremamente raivoso, mal humorado e impaciente. Aproxima-se de Sang Yi e seus pais, fazendo inúmeras perguntas, sempre em inglês. Mesmo sabendo que é comum encontrar várias zonas australianas onde ninguém fala inglês, o autor do conto enfatiza o uso desse idioma na maioria das conversas, principalmente nos diálogos do australiano, haja vista a língua inglesa, ser um idioma universal, sem dúvida o mais necessário para as pessoas que migram para países estrangeiros. O inglês é assim, um símbolo concreto da globalização pós-moderna.

O australiano termina sua participação no conto ao chegar ao porto de Santos, São Paulo. Em meio ao tráfego intenso no porto, o barulho de vozes, o vai e vem de pessoas e mercadorias. Sang Yi e seus pais seguem destino, distanciam-se do incômodo australiano. É certo que nas imigrações, uns ficam e outros se vão. Uns têm destino, outros de perdem em meio às realidades das cidades, dos portos, aeroportos, etc.

O capitão da embarcação é outro personagem coadjuvante no texto. De aspectos físicos anormais “rosto cavado de macaco velho, o nariz de pugilista. Arrasta uma das pernas. O queixo quadrado a golpes de formão, as costas e o abdome com fiapos de orangotango” (OLIVEIRA, 2002, pag. 55). Para se comunicar verbalmente usa uma língua rústica, de difícil compreensão, descrito pelo australiano e pelo narrador como um homem arrogante, impaciente, furioso; homem de palavras “duras”, de comunicação estreita, posição de general, um capitão de tamanha estupidez e pouca solidariedade.

Personagens significativos em Sang Yi são os pais de Sang, que acompanham o menino em todas as viagens. Representam o dilema do imigrante (o medo, a dúvida, a incerteza, insegurança, a dor da despedida); são clássicos representantes da imigração, que sofrem o drama de quer que sair.

O pai de Sang Yi vive a reclamar: “Não podemos. Não podemos ficar. Nosso lugar não é aqui. Não é” (OLIVEIRA, 2002, p. 58). Sang e seus pais são desterritorializados, ou seja, vivem o processo de desterritorialização original iniciado

pelo movimento migratório que se dá, em termos existenciais, pela saída do lugar-natal, o que implica deixar os lugares de infância, juventude ou idade adulta, responsáveis pela nossa formação enquanto pessoa e sob os quais está edificada nossa identidade. É o que Haesbaert (2005, p. 38) chama de perda do “espaço de referência”, ou perda “território cultural”, que segundo o autor precede o território político e econômico.

É relevante destacar no conto a presença de duas meninas (filhas do casal que recebe Sang) – representam a reação das pessoas frente ao imigrante (estranheza, riso, sarcasmo, curiosidade), principalmente em relação ao idioma e comportamento do estrangeiro. As meninas riem do sotaque de Sang Yi, são indiferentes, intolerantes e xenofóbicas. Nessa perspectiva Eco (2006, p. 114) afirma que “A intolerância em relação ao diferente ou ao desconhecido é natural na criança...” [... A criança é educada para a tolerância pouco a pouco, assim como é educada para o respeito à propriedade alheia...].

A atitude das meninas, de certa forma, é compreensível. De fato, Sang Yi é um imigrante cheio de incógnitas, que chama a atenção por seu modo de falar, de se relacionar e por esconder sua idade. Fala vários idiomas carregados de sotaque, inclusive o português, mas mesmo estando no Brasil, em muitos momentos fala em coreano.

Essas características de Sang Yi contribuem para a reação das meninas; reações que mesmo compreensíveis, não deixam de ser negativas e reprováveis, pois “A xenofobia, o etnicismo, o racismo e o fundamentalismo emergem ou ressurgem em situações sociais nas quais o migrante aparece como “diferente”, “estrangeiro”, “exótico,” “outro”” (IANNI, 2004, p. 96).

O casal que recebe o menino em São Paulo é extremamente acolhedor, preocupado em oferecer conforto e aproveitar a presença de Sang Yi em sua casa. Mas sabe que não podem ficar por muito tempo ao lado da criança, isso os deixa angustiados. Com três anos de estadia ela tem que partir.

Sang Yi e seus pais percorrem o mundo! Já passaram por dezoito cidades, “em média três anos em cada cidade”. E continuam a peregrinar mundo a fora. Vivem o Haesbaert (2004, p. 344) denomina de multiterritorialidade “experimentar vários territórios ao mesmo tempo”, ou seja, “acessam-se ou conectam-se diferentes territórios individual e coletivamente, e de forma concreta promovida por deslocamentos físicos,

ou virtual com a utilização das facilidades e relações do ciberespaço” (ALMEIDA, 2014, p.76).

Portanto, as situações expostas no conto enfatizam que não existe como reter as coisas e os seres, eles crescem para longe, eles se ramificam, trocando sua identidade, estendendo-se para a imensidão que pode ser um oceano, uma cidade infinita ou o grande vazio existencial. Nelson de Oliveira não perde de vista o passado mais ameno, mais mágico, que está no interior e na infância, mas que concebe o homem a possibilidade de ser oceânico, náufrago em realidades cada dia mais estrangeiras, concretizando um intento dramático – porque implica em perdas – mas ao mesmo tempo inevitável e necessário, para nos libertar das objeções reducionistas.

### **Considerações finais**

Ao concluir esse trabalho podemos dizer que a migração possui muito mais facetas condicionantes. Sendo assim é um fenômeno incontestável, que traz consequências espaciais e existenciais ao imigrante. Em vista disso é perceptível que nossos territórios são construídos hoje mais no movimento e na descontinuidade do que na fixação e na continuidade. Estamos envolvidos em territorialidades diferentes, difusas e mutantes, o personagem Sang Yi é o retrato dessa realidade.

Outro aspecto relevante a ser destacado nesse estudo é que o imigrante é considerado e visto, enfim, como um não pertencente, estranho, condicionado a julgamento de valores por suas atitudes e comportamentos dissonantes. Sang Yi na sua constante trajetória sente as dores que recaem sobre um ser imigrante, a desconfiança, a ironia, o racismo, a xenofobia, o desprezo, o riso sarcástico.

Por fim, o estudo a respeito das migrações nos ajuda a refletir que as diferenças causam o choque identitário que exige adaptação por parte do imigrante, não apenas em termos comportamentais, mas, em certos casos, adaptações no próprio modo de ser. Novamente Sang Yi ilustra essa situação. Quando o menino começa a estabelecer laços identitários em determinada cidade é movido pelo seu destino a ter que migrar. É a hora da reinvenção, de recriar-se. O oceano representa para Sang Yi a simbologia da mudança, da travessia, de novas perspectivas ou de vida nova.

### **Referências**

ADAS, Melhem. *Panorama geográfico brasileiro*. São Paulo: Moderna, 2004, p. 286.

ALMEIDA, Denise Ribeiro de. *O Mito da desterritorialização: do fim dos territórios à Multiterritorialidade*. Revista Formadores: Vivências e Estudos, cachoeira-Ba, v. 7 n. 1, p. 74-77, Jun. 2014.

CALDAS, Dário. Observatório de Sinais. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2004.

CARVALHO, J.A.M. de. *O saldo dos fluxos migratórios internacionais no Brasil na década de 80: uma tentativa de estimativa*. In: PATARRA, N.L. (Coord.). *Migrações Internacionais Herança XX Agenda XXI*. Campinas: FNUAP, 1996. p. 217-226.

DAIGO, Masao. *Pequena história da imigração Japonesa no Brasil*. São Paulo. Editora: Gráfica Paulos. 2008. Tradução: Masato Ninomiya.

EMMI, M.F. *Italianos na Amazônia: pioneirismo econômico e identidade*. Belém: Edufpa, 2008.

FAUSTO, Boris. *Historiografia da Imigração para São Paulo*. Ed. Sumaré: Fapesp, 1991.

FREITAS, Sonia Maria de. *O Café e a Imigração - Que História É Esta?* São Paulo: Saraiva, 2003.

GREGORY, Valdir. *Imigração alemã no Brasil*. Cadernos adenauer XIV (2013). Edição especial.

HAESBAERT, Rogério. *Da desterritorialização à multiterritorialidade*. In: Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina. São Paulo, Universidade de São Paulo, março de 2005. Disponível em: <[http://www.planificacion.geoamerica.org/textos/haesbaert\\_multi.pdf](http://www.planificacion.geoamerica.org/textos/haesbaert_multi.pdf)>. Acesso em: 20 jul.de 2016. p. 6774-6792. 2005.

\_\_\_\_\_. *O mito da desterritorialização e as regiões-rede*. Anais do 5º Congresso de Geógrafos. AGB. Curitiba, 1994.

\_\_\_\_\_. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HUTTER, Lucy Maffei. *Imigração Italiana: aspectos gerais do processo imigratório*. In: Rev. Inst. Est., SP, 27: 59-73, 1987.

IANNI, Otávio. *O imigrante. Capitalismo, violência e terrorismo*. RJ, Civilização Brasileira, 2004, p. 91-101.

\_\_\_\_\_. *A era do globalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

JUNIOR, Judicael C. *A participação da imigração na formação da população brasileira*. In: Rev. Bras. Estudos Pop., Brasília, 1997, p. 51-71.

LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien *Os Tempos Hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LISBOA, K. M. *Olhares alemães sobre a imigração no Brasil: imperialismo, identidade nacional e germanismo*. In: Revista Espaço Plural, Ano IX, Nº 19, 2º Semestre, 2008, p. 95-104.

MEZZADRA, Sandro. *Multiplicação das fronteiras e práticas de mobilidade*. REMHU - Rev. Interdiscip. Mobil. Hum., Brasília, Ano XXIII, n. 44, p. 11-30, jan./jun. 2015.

OLIVEIRA, Nelson de. Sang Yi. In: CHARLES, Kiefer et al. *Pátria estranha: histórias de peregrinação e sonhos*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

RODRIGUES, Lucas De Oliveira. "Imigração ilegal"; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/sociologia/imigracao-ilegal.htm>>. Acesso em 11 de agosto de 2016.

SANTANA, Nara Maria Carlos de. *Colonização alemã no Brasil: uma história de identidade, assimilação e conflito*. *Dimensões*, vol. 25, 2010, p. 235-248. ISSN: 1517-2120.

SAYAD, A. O que é um Imigrante. In: *A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade*. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998.

ZAMBERLAM, Jurandir. *O processo migratório no Brasil e os desafios da mobilidade humana na globalização*. Porto Alegre: Pallotti, 2004.

## **THE IMMIGRATION PROCESS IN THE SHORT STORY SANG YI DE OLIVEIRA NELSON**

### **ABSTRACT**

This article analyzes the short story "Sang Yi", of Oliveira Nelson, paying attention to the observance of as is the phenomenon of immigration through the situations experienced by the main character, the boy Sang Yi. The issue of immigration is the discussion of the core of this work, considering that is one of the most important global phenomena is in historical perspective and in contemporary times, migration studies have raised both from local national interests, and international. Thus, we selected basic theoretical discussing the processes of immigration, such as Hanciau (2005), Ianni (2004), Hall (2006), Sayad (1998), Klein (2000) and Haesbaert (2004; 2005).

**Keywords:** Story. Sang Yi. Phenomenon of immigration. Emigrations.

Recebido: 30/09/2016.

Aprovado: 22/01/2017.